

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

EDUCAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO SOBRE JOVENS DE PERIFERIA: A PRODUÇÃO DE ESPACIALIDADES E EMPREENDEDORES NO JORNAL O GLOBO

Tagiani Brizolla de Moura Goulart , Matheus Santos de Souza, Camilo Darsie

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7048>

Submetido em: 2023-09-21

Postado em: 2023-10-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Cristianne Maria Famer Rocha (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>)

EDUCAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO SOBRE JOVENS DE PERIFERIA: A PRODUÇÃO DE ESPACIALIDADES E EMPREENDEDORES NO JORNAL O GLOBO

Tagiani Brizolla de Moura Goulart

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8983-8675>

E-mail: tagiani@mx2.unisc.br

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil.

Matheus Santos de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3200-8421>

E-mail: matheussouza@mx2.unisc.br

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil.

Camilo Darsie

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4696-000X>

E-mail: camilodarsie@unisc.br

Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil.

Resumo: Os produtos midiáticos, entre eles os jornais digitais, ao descreverem e discutirem diversos temas, não apenas retratam realidades, mas educam e subjetivam sujeitos a partir das matérias que publicam. Seus conteúdos não se encontram isolados, mas ao contrário, se articulam e alimentam diferentes recursos midiáticos, atingindo públicos diversos. Assim, entre outros temas, discorrem e educam sobre os significados que envolvem os jovens de periferia. Partindo disso, este estudo discute modos como tais jovens são retratados por meio das matérias do jornal O Globo e sobre os efeitos educacionais que se desdobram a partir dessa dinâmica. A investigação foi realizada a partir da perspectiva dos estudos foucaultianos e dos Estudos Culturais em Educação, sustentada por 40 reportagens publicadas digitalmente a partir de 2019. Para as discussões foram utilizados autores que discorrem sobre a articulação entre a educação e a mídia e sobre as condições que cercam os jovens que vivem em periferias brasileiras. Identificou-se que os jovens, nas matérias jornalísticas, são frequentemente associados à necessidade de libertarem-se das espacialidades periféricas e à ideia de superação individual de suas dificuldades. O discurso neoliberal do empreendedorismo acompanha as matérias, deslocando as discussões do campo das políticas públicas, responsabilizando tais jovens no que se refere aos seus sucessos e fracassos.

Palavras Chave: Mídia, Estudos Culturais, Juventude, Educação, Periferia

EDUCATION AND SUBJECTIVATION ABOUT YOUNG PEOPLE FROM THE PERIPHERY: THE PRODUCTION OF SPACE AND ENTREPRENEURS IN THE NEWSPAPER O GLOBO

Abstract: The Media, including digital newspapers, when describing and discussing different themes, not only portray realities, but educate and subjectify subjects based on the articles they publish. Its contents are not isolated, but on the contrary, are articulate in different resources, reaching different audiences. Thus, among other topics, they discuss and educate about the meanings that involve young people from the periphery. So, this study discusses how such young people are portrayed through the articles in the newspaper O Globo and the educational effects that unfold from this dynamic. The investigation was carried out from the perspective of Foucauldian studies and Cultural Studies in Education, supported by 40 reports published digitally from 2019. For the discussions, authors who discuss the relationship between education and the media and the conditions surrounding young people living in Brazilian peripheries were used. It was identified that young people, in journalistic articles, are often associated with the need to free themselves from peripheral spatialities and the idea of individually overcoming their difficulties. The neoliberal discourse of entrepreneurship accompanies the stories, shifting discussions from the field of public policies, making these young people responsible for their successes and failures.

Keywords: Media, Cultural Studies, Youth, Education, Periphery

EDUCACIÓN Y SUBJETIVACIÓN SOBRE LOS JÓVENES DE LA PERIFERIA: LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO Y LOS EMPRENDEDORES EN EL DIARIO O GLOBO

Resumen: Los productos mediáticos, incluidos los periódicos digitales, al describir y discutir diferentes temas, no sólo retratan realidades, sino que educan y subjetivan a los sujetos a partir de los artículos que publican. Sus contenidos no están aislados, sino que, por el contrario, articulan y alimentan distintos recursos, llegando a distintos públicos. Así, entre otros temas, discuten y educan sobre los significados que involucran a los jóvenes de la periferia. A partir de esto, este estudio analiza cómo estos jóvenes son retratados a través de los artículos del periódico O Globo y los efectos educativos que se desprenden de esta dinámica. La investigación se realizó desde la perspectiva de los estudios foucaultianos y de los Estudios Culturales en Educación, apoyados por 40 informes publicados digitalmente a partir de 2019. Para las discusiones se utilizaron autores que discuten la relación entre educación y medios de comunicación y las condiciones que rodean a los jóvenes que viven en las periferias brasileñas. Se identificó que los jóvenes, en los artículos periodísticos, suelen ser asociados a la necesidad de liberarse de espacialidades periféricas y a la idea de superar individualmente sus dificultades. El discurso neoliberal del emprendimiento acompaña las historias, desplazando las discusiones del campo de las políticas públicas, responsabilizando a estos jóvenes de sus éxitos y fracasos.

Palabras clave: Medios, Estudios Culturales, Juventud, Educación, Periferia

INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, diversas pesquisas e debates, em múltiplos campos teóricos, contribuíram para renovar entendimentos acerca dos ambientes e dinâmicas por meio das quais práticas educativas acontecem. Em determinado momento, tais questões foram associadas, exclusivamente, aos educandários sob as balizas da pedagogia escolar, porém atualmente as discussões do campo da educação abrangem uma gama bastante diversificada de práticas, lugares, artefatos, sujeitos e propostas, ora confluentes ora conflitantes.

Conforme apontado por Hillesheim (2015), as discussões sobre práticas educativas, nos dias de hoje, são guiadas pela noção de que “a educação transborda a escola e a Pedagogia, desfazendo as linhas duras que a compõem, não a partir de grandes oposições, mas de fissuras quase imperceptíveis” (p. 790). Complementarmente, Andrade e Costa (2017) pensam os processos educativos por meio da ampliação dos lugares e dos meios em que a educação é produzida, considerando as tensões que envolvem os saberes pedagógicos ao serem aproximados à cultura. Segundo elas, no momento em que aspectos culturais – como as diferentes mídias – interpelam e educam sujeitos, em seus diferentes cotidianos, conformam-se as pedagogias culturais que, de acordo com Ellsworth (2005), operam por meio de redes de significados e dispositivos que promovem dinâmicas de subjetivação. As pedagogias culturais fundamentam-se, portanto, nos processos educativos que subjetivam sujeitos por meio das práticas culturais, artísticas, jornalísticas, midiáticas, entre outras (MARTINS; TOURINHO, 2020).

Nesse sentido, é importante ser atentado que a subjetivação ocorre por meio das experiências e vivências do sujeito consigo mesmo. Ela é entendida como uma zona de intimidade, ou seja, um processo que ocorre a partir da forma como cada um lida com as situações e com o mundo ao redor. “A subjetividade, o sujeito, envolve um processo de subjetivação, visto que não existe constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação” (FOUCAULT, 1984, p. 28).

Assim, é possível pensar que as mídias, em seus diferentes formatos, se constituem como importantes instâncias educativas, visto que operam sobre os sujeitos na medida em que os produzem enquanto anunciam práticas e fazem circular imagens, textos e significados que os subjetivam. Os conteúdos e os sistemas midiáticos espalham diferentes verdades associadas às formas de viver, visto que, conforme apontado por Hall (1997; 2011), disputas acerca do simbólico e do discursivo ocorrem constantemente e de forma crescente. Segundo Thompson (2008) as informações midiáticas se tornam aspectos centrais nas sociedades que operam como impulsionadoras da circulação destas. Remetem-se, portanto, à avaliação e à recepção dos sujeitos que tornam-se seus produtos, a partir dos modos como são apresentados e das formas e sentidos dos produtos. Isso ocasiona, contudo, diferenciações na formação e na condição social de cada um.

Vale ser frisado que as mídias se modificaram historicamente através da cultura, das atribuições de sentido às práticas sociais e da ampliação das tecnologias da comunicação e informação. No que diz respeito à atualidade, destaca-se o fato de muitas sociedades vivenciarem o que passou a ser chamado de datificação da mídia, a partir da digitalização de seus modos de circulação. Tal situação diz respeito à circulação de informações associada ao recolhimento, armazenamento e triangulação de dados algorítmicos que direcionam conteúdos a grupos sociais específicos, de acordo com o consumo de informações em diferentes canais digitais. “O uso dessas técnicas algorítmicas de classificação em plataformas digitais está relacionado com o modelo de negócio desses serviços. O propósito da implementação desses mecanismos é a produção de perfis que buscam antecipar a atividade e os interesses dos usuários” (SILVA; ARAÚJO, 2020, p. 7).

Neste contexto, torna-se relevante o conceito de dispositivo pedagógico da mídia que aborda as formas como os diferentes meios de comunicação e tecnologias constituem sujeitos, subjetividades e dinâmicas de educabilidade. Assim, entende-se que a mídia opera com significações, saberes, culturas e educação, interferindo nos modos de ser e de estar nos lugares em que se vive, de modo direcionado a públicos específicos a partir de arranjos algorítmicos. Os conteúdos midiáticos, portanto, se dirigem à educação dos sujeitos, ensinando-lhes modos de ser e estar em seus “mundos” (FISCHER 2002) e baseiam-se em dados que miram precisamente e atentamente em seus públicos alvo (ARAÚJO, 2023).

O dispositivo pedagógico da mídia é construído por meio da linguagem de seus produtos e dos dados que lhe fundamentam, tornando-se relevante observar que há uma lógica discursiva que atravessa os materiais midiáticos e opera em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais. "Há uma mediação, na relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores, de outro, a qual é dada particularmente pelo modo como se estruturam os textos midiáticos" (FISCHER, 1997, p. 61). Martins (2021), nessa direção, relata que “a mídia exerce poder sobre quem fala e produz saberes e efeitos de verdade nos discursos veiculados” (p. 3), enquanto Thompson (2008), afirma que “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólico no mundo moderno” (p. 19). É através dos aparatos midiáticos que muitos conseguem expressar seus pontos de vista e opiniões coletivas, interagindo como outros sujeitos e produzindo modos de pensar e agir em redes diversas (TERUYA, 2009).

Nesse contexto, as diferenças das realidades sociais podem ser entendidas de distintos modos, criando novos significados em relação aos conteúdos divulgados por diferentes canais e tecnologias. Os meios de informação e de comunicação replicam velhos significados e geram novos, contribuindo para a formação dos sujeitos e das subjetividades coletivas, bem como para a produção de inclusões, diferenças e exclusões (FISCHER, 2002). A partir desta dinâmica educativa são produzidas as balizas que definem os diferentes modos de ser jovem, belo, bem-sucedido e saudável, por meio de um conjunto de procedimentos que permite pronunciar enunciados considerados verdadeiros.

Além disso, torna-se necessário ser pontuado que as diferentes modalidades de mídias articulam-se em movimentos que as colocam em constante transformação e autoalimentação. Redes sociais, aplicativos digitais, conteúdos televisivos e jornalísticos, por exemplo, operam concomitantemente e em conjunto, produzindo modos de ser sujeito a partir de enunciados que se inter-relacionam e se hibridizam. Portanto, diferentes mídias, das mais antigas às mais atuais, criam percepções acerca das verdades que criam e reproduzem, subjetivando os sujeitos, interferindo nos seus modos de pensar e de agir e educando sociedades por meio de uma rede estabelecida por tecnologias e informações (BRITES et al., 2023). De acordo com Wilke (2020), a dinâmica da vida social, nos dias atuais, foi – e é, constantemente – reconfigurada a partir de redes e suportes eletrônicos que tornam os sujeitos dependentes dos fluxos de informação.

Diante disso, operam na produção de verdades e replicação de questões que auxiliam na criação de grupos conforme as características que os envolvem. Orientam maneiras de ser jovem que se associam, entre outros elementos, aos contextos de vida, aos modos de vestir e aos desafios que são enfrentados em diferentes contextos, o que pode ocasionar assimetrias em relação a significação e valoração das juventudes.

É a partir dessa dinâmica que os jovens que vivem em periferias são, também, representados e educados como tais, a partir de mecanismos midiáticos que agem cristalizando ou

transforando entendimentos que operam sobre cada um e sobre cada grupo acerca do que significa crescer e morar em regiões consideradas, muitas vezes, precarizadas. Machado e Kuhn (2015), por exemplo, explicam que os jovens de periferia frequentemente são retratados como sujeitos que se envolvem no tráfico de drogas – negros e pobres –, passando a serem vistos socialmente e juridicamente como delinquentes. Por outro lado, conforme afirma Costa (2022), também são descritos como sujeitos que necessitam estar ocupados, para que não caiam nas armadilhas causadas pela ociosidade no contexto periférico. Guareschi *et al.* (2003) argumentam, ainda, que tais sujeitos costumam ser colocados em uma mesma peneira descritiva, como se todos fossem iguais, o que fortalece uma ideia de identidade coletiva que é marcada pela marginalidade, criminalidade e periculosidade.

É partindo desta lógica, de marcadores culturais, que se discute, aqui, as verdades que envolvem os jovens que vivem em periferias no Brasil. A frequente circulação de notícias que relatam seus estilos de vida orientam modos de pensar sobre suas capacidades, aptidões e possíveis destinos. De acordo com os pressupostos teóricos assumidos, aquilo que é dito, escrito e que circula culturalmente não apenas descreve as maneiras como esses jovens se inserem nas sociedades, mas, de modo mais complexo, produz – e limita – as posições de sujeito que ocupam, tanto para eles quanto para os outros.

Assim, neste texto, tensionam-se tais questões e estimula-se a pensar sobre como tais jovens são retratados por meio das matérias de um meio jornalístico digital – o jornal O Globo – e sobre os efeitos educacionais que se desdobram a partir dessa dinâmica. Para tanto, o texto está organizado em quatro seções, sendo a primeira direcionada a explicar o percurso metodológico que possibilitou a reflexão e sequencialmente, nas seções “espacialidades periféricas e responsabilização dos sujeitos” e “Oportunidades (d)e superação a partir do empreendedorismo”, apresentam-se problematizações realizadas a partir de um dado modo de analisar a questão, tendo em vista os pressupostos dos estudos foucaultianos e dos Estudos Culturais em Educação. A seguir, finaliza-se o argumento com as considerações finais.

PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação apresentada pautou-se nos estudos foucaultianos e nos Estudos Culturais em Educação. Destaca-se, então, que o foco dos Estudos Culturais são as relações entre a cultura e a sociedade, considerando a relevância das instituições e das práticas culturais, bem como de suas relações com a sociedade. Encaixam-se, neste escopo, os tensionamentos acerca das pedagogias culturais que articulam-se às discussões sobre mídias, tecnologias e seus efeitos educativos. Entende-se, neste contexto, que os Estudos Culturais necessitam ser tomados pelo ponto de vista político, já que sua base teórica emergiu para construir um novo campo de pesquisa direcionado a derrubar fronteiras entre áreas e valorações do conhecimento (ESCOSTEGUY, 1998).

De acordo com Bonin et al. (2020), esses Estudos operam como um conjunto de saberes "nômades, polimórficos, transgressivos, antropofágicos e plurais" que se encontram localizados no que pode ser chamado de zona de marginalidade. Por meio deles, pesquisadores analisam e tensionam os aspectos culturais das sociedades contemporâneas. Nessa direção, as autoras sugerem que seus praticantes busquem se opor – por meio de problematizações – às

verdades que se encontram cristalizadas em diferentes campos do saber e que dão forma aos contextos sociais, acadêmicos e escolares.

Operar na perspectiva dos Estudos Culturais requer engajamento junto aos arranjos culturais sem que se busque, frente aos desafios encontrados, soluções imediatistas ou generalistas. Para além, os pesquisadores precisam se preocupar

com a indicação de tais problemáticas, com o mapeamento de suas condições de possibilidade, com a investigação dos modos ou das circunstâncias de sua emergência, bem como das práticas e dos sujeitos implicados em tais problemáticas, sendo essas as ações políticas com as quais tais estudos, predominantemente, se ocupam (BONIN et al., 2020, p. 3).

Partindo dessas orientações, observa-se que as narrativas produzidas e divulgadas por veículos de comunicação ou por áreas rígidas do conhecimento sobre os jovens que vivem nas periferias se tornam importantes pontos de tensionamentos. Elas costumam apresentar algumas regularidades como a indicação da pobreza, a marcação de raça, a comunicação da violência e etc. Associado a isso, na maioria dos casos, são frisadas as vulnerabilidades às quais tais jovens são submetidos, cotidianamente, e os possíveis resultados destas situações. Estabelece-se uma lógica de retratamento das condições de vida de muitos desses jovens, como um *à priori*, sem que, geralmente, se tensione os seus efeitos. No entanto, alguns pesquisadores, como Vargas, Saraiva (2019) e Baptista (2022) têm problematizado a temática por meio do campo dos Estudos Culturais ou inspirados em seus pressupostos, no sentido de destacarem os modos como as narrativas sobre jovens não apenas retratam realidades diversas, mas, de maneira mais ampla, as produzem.

É nesse movimento que torna-se relevante a noção de produção de verdades, desenvolvida por Foucault (2013) ao argumentar que a verdade é resultado de jogos que a produzem e a reproduzem, por meio das relações de força reguladas pelo poder. Um regime de verdade é constituído por discursos, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades, fora do qual nada faz sentido – pelo menos até que se estabeleçam outros regimes de verdade. Para Foucault (2000), o discurso não é um conjunto de signos, mas as formas diferentes de fala e de práticas que englobam e subjetivam indivíduos ao ponto de assujeitá-los. Os discursos e os meios sociais mostram-se aos sujeitos, dando-lhes acesso a diferentes categorias de discurso, educando populações (MARTINS, 2021). Foucault (2010) explica, ainda, que todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que carregam consigo.

Nessa direção, ressalta-se que Souza (2006; 2014) indica que os enunciados e as práticas que dão forma aos discursos, ao serem divulgadas por diferentes mídias, oportunizam o entendimento e o uso de determinados saberes, conceitos e movimentos que, em algum momento, se apresentaram restritos a determinados grupos de profissionais e especialistas. Assim, eles passam a fazer parte dos cotidianos de muitas pessoas, operando no sentido de subjetivar sujeitos acerca daquilo sobre o que tratam. Nesse sentido, é reforçado o argumento de que as mídias não operam apenas por meio da descrição de modos de vida diversos, mas, de maneira abrangente, na produção de verdades que balizam a vida. Cabe aos pesquisadores, portanto, o tensionamento desses jogos de verdade "pela leitura crítica e insistente de suas modalidades de formação, de cristalização e de

enraizamento nas individualidades, para que possa enunciar outros jogos de verdade” (BIRMAN, 2002, p. 308).

Assim, as matérias apresentadas em jornais, a respeito de jovens que vivem em periferias, operam criando, reforçando e transformando verdades sobre eles. É a partir dos modos como são retratados, discutidos e apresentados por meio de diferentes veículos jornalísticos, por exemplo, que se tornam sujeitos e que outros sujeitos aprendem a reconhecê-los como diferentes. Conforme mencionado anteriormente, tais matérias se articulam a um conjunto de aparatos tecnológicos e midiáticos – plataformas virtuais, redes sociais, entre outros – que não as isolam, como poderia ser pensado nos dias de hoje, mas, por outro lado, impulsionam seus enunciados.

Diante disso, para tensionar as verdades que localizam os jovens de periferia em determinadas posições de sujeito, nesta investigação foram utilizadas matérias do jornal O Globo, disponibilizadas digitalmente em seu sítio eletrônico. Importante mencionar que este é um dos mais influentes jornais do Brasil, conforme apontado pela Associação Nacional de Jornais (2021), pois é o maior artefato jornalístico em termos de circulação nacional. Foi fundado no dia 29 de julho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro, fazendo parte do Grupo Globo de Comunicações, considerada a maior instituição de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina. No ano de 2021, O Globo superou sua concorrência no que se refere ao número de visualizações de páginas, atingindo uma média de 184,7 milhões de visualizações mensais, enquanto o jornal Folha de São Paulo, na segunda posição, alcançou média de 171,4 milhões (O GLOBO, 2021).

Isso significa que as matérias divulgadas pelo jornal têm grande capacidade de circulação nacional, o que possibilita interpelarem grande parte da população leitora do país. Assim, operam no fortalecimento de determinados modos de entender o mundo, visto que fazem movimentar conjuntos de verdades sobre os temas que abordam.

O sítio do jornal é interativo, mostrando aos leitores as diversas abas de notícias que o compõem, bem como um menu que leva aos conteúdos que podem ser selecionados intuitivamente. Todos os dias, é atualizado com notícias e imagens que visam chamar a atenção dos leitores, apresentando temas diversificados nas suas abas principais, o que insere os internautas em redes de notícias que operam por meio da lógica de *hiperlink* – ou seja, textos interconectados por links de acesso que levam por caminhos desenhados pelos interesses dos leitores (SOUZA, 2014). Desta maneira, foram utilizados, os recursos do site para a seleção e avaliação do material problematizado.

As matérias abordadas foram selecionadas a partir do conteúdo disponibilizado desde 2019, por meio dos seguintes descritores: "jovens de periferia", "jovens e oportunidades", "homicídios e jovens" e "tráfico de drogas". Esses descritores foram delimitados com base nos argumentos do referencial teórico que guiou a investigação. Partindo deles, foram encontradas 62 reportagens, das quais 40 compuseram – direta ou indiretamente – as problematizações emergentes do estudo. Posteriormente, foram estabelecidas discussões temáticas, de acordo com as continuidades observadas nas matérias.

Diante disso, a seguir, são apresentadas duas temáticas consideradas relevantes pelos autores, quais sejam, um que aborda o que se entende como espacialidades periféricas e outra que tensiona os discursos neoliberais relacionados ao empreendedorismo.

ESPACIALIDADES PERIFÉRICAS E RESPONSABILIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Souza (2009) denomina, irônica e criticamente, as minorias nacionais como *ralé* brasileira. Para o autor, esse grupo é caracterizado por aqueles que sofrem com as precariedades que lhes envolvem e com a falta de políticas públicas que abranjam, adequadamente, a segurança pública, o trabalho formal, o enfrentamento do racismo, dos preconceitos regionais, as estruturas sanitárias, entre outros elementos. No Brasil, é possível observar que essa ideia de *ralé* associa-se, muitas vezes, às significativas divisões socioeconômicas relacionadas a diferentes parcelas espaciais que subdividem as cidades em áreas de contraste, pois há uma grande diferença de oportunidades acessadas por pessoas que vivem em lugares distintos, como: territórios, bairros, áreas centrais, áreas rurais e periferias (SOUZA, 2009).

Em relação a isso, chama a atenção o fato de que grande parte das matérias do jornal, que discutem as vidas dos jovens localizados em periferias, produzem e reproduzem, por meio de seus enunciados, a diferenciação socioespacial à qual se encontram submetidos nos contextos urbanos. Ao serem abordados enquanto foco de reportagens que tratam de ações sociais e de educação, de violência e de possibilidades – e necessidade – de superação frente aos desafios do cotidiano, são frequentemente associados aos lugares aonde moram. Observa-se que sempre são indicados os nomes das favelas, comunidades ou regiões em que os jovens vivem, acompanhados, muitas vezes, de breves descrições sobre os marcadores de vulnerabilidade que as caracterizam.

Parece haver uma relação estreita entre os problemas enfrentados nas regiões e a validade das matérias, pois quanto mais precárias as condições, maiores os indicativos de necessidade de superação dos jovens e a sensibilização dos leitores. Reforça-se por meio disso, uma ideia de que as espacialidades que os subjetivam, além de serem propensas à avaliação negativa, não possuem os requisitos necessários para transformações positivas que não sejam aquelas ligadas aos próprios sujeitos.

Ainda, dificilmente são abordadas as nuances culturais que diferenciam os jovens que vivem em diferentes recortes periféricos. Ao serem identificados como moradores de periferia, são enquadrados em um conjunto de marcadores sociais estabelecidos em contraposição aos jovens que vivem em outras parcelas espaciais. Nessa direção, quando associados às regiões mais empobrecidas das cidades, passam a compor um pretenso grupo homogêneo em termos de costumes, necessidades, características e aspirações, ou seja, tornam-se parte da “*ralé*”, conforme ironizado por Souza (2009).

Uma das questões que se torna relevante, a partir deste ponto, é a necessidade de tensionar o fato de que tais jovens passam a ser considerados enquanto desafios – problemas homogêneos – a serem vencidos por meio de uma lógica de transformação individual dissociada dos problemas que envolvem seus ambientes de vida. De certo modo, questionamentos acerca das políticas públicas que poderiam aumentar índices de qualidade de vida – ou a falta delas – tornam-se raros nas matérias quando comparados aos argumentos que miram na necessidade de tais jovens gerenciarem suas vidas de maneira adequada, produtiva e libertadora. Desloca-se para os sujeitos jovens uma dada responsabilização acerca de mudanças comportamentais que seriam capazes de auxiliar na superação dos limites espaciais que lhes envolvem, especialmente a partir de uma lógica que privilegia o abandono das áreas consideradas periféricas em direção aos bairros centrais.

A partir dessa colocação, é importante explicar que o espaço, na perspectiva teórica adotada, não se restringe a demarcação de áreas, mas conforma-se por meio de relações estabelecidas entre suas materialidades e suas humanidades, de forma indissociável e polirrítmica. O espaço é o fenômeno que envolve a vida por meio de dinâmicas infinitas, imprevisíveis e

diferenciadas. Assim, tanto os sujeitos quanto as estruturas que os cercam são considerados espaço e produzem-se mutuamente, de modos diferentes, de acordo com as áreas em que ocorrem os jogos de poder que as caracterizam (DARSIE, 2022). Diante disso, conforme refere Souza (2014), os sujeitos são produzidos e entendidos em concomitância com as parcelas espaciais em que nascem, vivem e circulam, estabelecendo as espacialidades. Essas, dizem respeito aos processos de assujeitamento que se desdobram em articulação ao espaço, produzindo entendimentos acerca dos outros e de si, subjetivando sujeitos a partir de suas experiências espaciais.

Assim, ao observar que muitas das matérias analisadas ressaltam a necessidade de os jovens se libertarem das espacialidades periféricas, entende-se que operam no sentido de estabelecer limitações associadas às parcelas espaciais que estariam estáticas em termos de desenvolvimento. Buscam desvincular os sujeitos de suas espacialidades ao preconizarem que o sucesso é alcançado fora delas – reforçando um conjunto de relações que aumentam os distanciamentos existentes entre as regiões centrais e as mais afastadas ou empobrecidas, de formas objetiva e subjetiva.

Sabe-se que as periferias brasileiras foram constituídas a partir do processo de urbanização nacional, ocorrido a partir de 1930, quando o país começou a ser industrializado. Como consequência, a dinâmica foi marcada pela emergência de áreas ocupadas por pessoas que chegavam às cidades – sem estruturas suficientes para acolhê-las – em busca de trabalho e sem recursos. As políticas públicas, a partir disso, foram reformuladas, regulamentadas e planejadas para a vida urbana, porém, em muitos casos, basearam-se em dinâmicas de caráter seletivo, pois mostraram-se – até hoje – insuficientes para diferentes realidades que envolvem, especialmente, os bairros considerados populares (SEVERIAN; LACERDA, 2021).

Conforme Toledo (2013), esses processos impulsionaram a apropriação desigual do espaço urbano, especialmente no que diz respeito ao acesso a bens públicos, obrigando uma grande parcela da população a morar em lugares afastados, com carência de serviços básicos, de má qualidade ou em áreas de risco. É essa insuficiência que produz as situações de desigualdade e, conseqüentemente, a necessidade de novas estratégias capazes de amenizarem o desequilíbrio social existente no Brasil, mais precisamente, quando associado aos diferentes recortes espaciais. É devido a tais questões que problemas como a violência, muitas vezes, circundam jovens que residem nessas regiões, pois em alguns casos seus moradores acabam se envolvendo com as práticas que lhes restam – como o tráfico de drogas – e sofrendo com questões raciais quando buscam, em outras parcelas espaciais urbanas, oportunidades que lhes são negadas – pela inexistência – em locais próximos aos que residem (AGNOL, 2019).

Um dos principais gatilhos destes resultados é a falta de investimentos capazes de impulsionarem a qualidade de vida das pessoas que se encontram nessas situações e, principalmente, a possibilidade destas pensarem em outros rumos de vida devido às espacialidades que lhes atravessam, frequentemente desconectadas dos circuitos de desenvolvimento. Nesse sentido, a matéria “As estratégias de jovens das periferias em busca de oportunidades”, publicada em 3 de outubro de 2017, demonstra as dificuldades vividas por tais jovens, principalmente associadas à inclusão social em áreas urbanas mais centrais.

Para driblar as dificuldades do dia a dia e alcançar novos contextos sociais, a juventude, vinda das zonas mais afastadas das grandes cidades, busca diferentes formas de inserção no mercado de trabalho e nas relações com amigos e familiares. [...] a cidade é um lugar de oportunidades, mas também algo a ser superado. São barreiras simbólicas, como o racismo, e de distâncias, que fazem com que esses jovens não se sintam pertencentes a

certos espaços da cidade. Esses obstáculos representam um enorme desafio para as políticas públicas. (O GLOBO, 2017, s/n).

Em sua totalidade, a matéria reforça que um dos obstáculos para as oportunidades de trabalho e de estudo desses jovens são os lugares em que vivem, destacando a precariedade das regiões periféricas. Agnol (2019) ressalta que a falta de investimentos em políticas públicas direcionadas às periferias fortalece a desigualdade social, em especial para quem vive de forma precária ou afastada do centro. Neste sentido, é possível entender que ao destacarem que a periferia potencializa as dificuldades vividas pelos jovens e que esses necessitam se deslocar para outras regiões, as matérias não apenas reforçam o status de precariedade das regiões periféricas, como também, desviam a atenção para a necessidade de os jovens saírem de seus bairros em busca de melhores oportunidades, negligenciando a ideia de que tais recortes espaciais deveriam ser potencializados e transformados.

Isso pode ser observado, mais uma vez, na matéria "Projeto social leva jovens da periferia ao centro de São Paulo", de 31 de maio de 2019, quando afirma que jovens que moram em uma das maiores favelas de São Paulo, Paraisópolis, ao terem visitado regiões centrais, por meio de uma ação social, embarcaram para uma viagem, já que “a escola proporcionou que eles saíssem da periferia e vivessem uma realidade diferente deles” (O GLOBO, 2019, s/n).

Sabe-se que as regiões centrais das grandes cidades concentram as principais oportunidades laborais, contudo, tais enunciados fortalecem a ideia de divisões entre áreas e sujeitos considerados mais nobres e aquelas/es cujo desenvolvimento provavelmente não acontecerá. Entende-se, neste contexto, que é descartada a possibilidade de pensar sobre a periferia enquanto conjunto pertencente à dinâmica urbana, cujas potencialidades locais poderiam oportunizar a emergência de novas referências e oportunidades em que diferentes modos de vida sejam considerados parte das dinâmicas sociais, por meio de uma lógica simétrica. Ao se criar uma noção de "oportunidade de saída da periferia para que novas oportunidades sejam possíveis", estabelece-se uma qualificação vertical que se relaciona diretamente às pessoas – especialmente aos jovens – que vivem em diferentes parcelas espaciais, conforme proposto por Souza (2014) e Darsie, Hillesheim e Weber (2021) ao discutirem a valoração de recortes espaciais.

Nesse sentido, a possibilidade de observar, enquanto espectador, os diferentes modos de vida que se desenrolam em regiões mais valorizadas, pode ativar uma noção de que haveriam outras vivências a serem tomadas como modelos e desejadas enquanto projeto de vida. Certamente, neste argumento, não se pretende dizer que os jovens devam ficar restritos aos seus bairros, mas, por outro lado, busca-se destacar que não têm sido comuns os diálogos entre as diferenças vividas no espaço e as diversas formas de ser jovem que poderiam interagir.

Outro ponto evidenciado em muitas matérias é a caracterização destes jovens em relação aos costumes e práticas dos lugares em que vivem. Mesmo que as histórias busquem destacar casos de sucesso e de superação, recorrentemente, reforçam a imagem dos jovens negros entrelaçados à violência. Essa noção conflui com argumentos de Lemos et al. (2017) ao referirem que os jovens que residem nas periferias sofrem com situações de intolerância social, já que são caracterizados como negros, pobres, com baixa escolaridade, associados à violência e, portanto, potencialmente perigosos.

Coimbra (2005) refere que a construção do jovem perigoso se dá a partir de seus comportamentos, das formas como se inserem nas dinâmicas sociais e daquilo que é entendido como “bom” e “mal”. Para explicar como os termos pejorativos percorrem as suas vidas, a autora

realiza um mapeamento populacional das comunidades empobrecidas, destacando que se fortalece a relação entre as noções de vadiagem, ociosidade, indolência e pobreza, bem como entre pobreza e periculosidade, violência e criminalidade. Assim, o jovem morador de periferia é, por vezes, visto como indivíduo considerado perigoso, como o “menor”, o “bandido”, o “vagabundo” e o “drogado”. Tal situação opera no sentido de desumanizar esses sujeitos, sendo reafirmada por meio de recursos midiáticos que, muitas vezes, os localizam como “instrumentos do medo” (BARROS, 2017, p. 38).

Os jovens que vivem nas periferias, portanto, enfrentam dificuldades de deslocamento até as áreas centrais das cidades que não se referem apenas aos transportes públicos, mas, principalmente, aos modos como são vistos ao circularem pelas ruas de diferentes bairros e às maneiras como são retratados em diferentes tipos de mídias. Conforme Barros (2017), a ideia de bandido se personaliza na imagem dos jovens negros, moradores da favela, cooptados ou não pelo tráfico de drogas e que possuem um modo de vestir baseado em bonés, cordões e etc. Assim, se por um lado, especialmente nas matérias jornalísticas analisadas, são retratados como sujeitos de direitos e capacidades, por outro, são associados às narrativas que envolvem casos policiais que os amalgamam a práticas danosas que ocorrem nos lugares onde vivem.

Em uma reportagem publicada em 2021, que apresenta dados sobre jovens negros em situação de vulnerabilidade social, afirma-se que esses sujeitos se tornam as principais vítimas de homicídios. A reportagem faz uso de um estudo realizado pela Defensoria Pública do Estado do Ceará que revela que 82% das vítimas são homens, 80% são negros, 56% são jovens (entre 18 e 29 anos) que estudaram até o Ensino Médio (O GLOBO, 2021). Esses dados se relacionam com dinâmicas de exclusão social que promovem a falta de oportunidades e o precário direcionamento de políticas públicas capazes de os modificarem. A entrada dos jovens para o mundo do tráfico de drogas é, diversas vezes, demarcada cartograficamente, produzindo cinturões de violência e precarização que se sobrepõem a outras dinâmicas desenvolvidas nestes lugares. “Estabelece-se assim uma articulação entre anormalidade e risco/periculosidade social que incide, sobretudo, nas juventudes pobres que são estereotipadas” (BARROS, 2017, p. 38).

Nessa direção, a ideia de abandono dos lugares onde nascem e crescem se sobressai em relação às possibilidades de investimentos e reorganização espacial nas regiões periféricas. Investe-se em uma ideia de que a periferia precisa ser deixada de lado – em termos de vivências e investimentos – e de que cada sujeito precisa, estrategicamente, se associar à outros modos de vida que o “qualifica” frente a outras espacialidades. Não basta os jovens se distanciarem de seus locais de origem, mas, para além, é necessário que se enquadrem em novas normas consideradas mais adequadas nos lugares para onde se deslocam e por onde circulam. Sobre isso, uma das matérias jornalísticas destaca que os jovens da periferia acreditam passar por dificuldades ao percorrerem o centro da cidade, pois frequentemente são taxados como marginais (O GLOBO, 2019). Conforme noticiado, um participante de uma ação social relata que se sente julgado ao circular por outros bairros: “Quando eu costumava sair para outros lugares fora de Paraisópolis, eu percebia um olhar diferente. Eles me veem como marginal, eles me veem como um bandido, sendo que nem me conhecem, sendo que eu não sou isso” (O GLOBO, 2019, s/n).

Para além dos sentimentos do rapaz, é apresentada pelo jornal uma ação de aproximação entre os jovens que vivem nas zonas periféricas e oportunidades laborais em outros contextos urbanos. Observa-se que cristaliza-se a ideia de que são necessários recursos de apoio social para que os jovens possam ser apresentados ao mercado de trabalho e, principalmente, para que sejam vistos como produtivos e interessados. Costa (2020), ao analisar as relações de jovens

de periferia com projetos sociais, entendeu que a ociosidade, neste caso, torna-se um problema, que talvez não seja discutido em outros contextos. Pertencer à periferia faz com que os jovens se tornem foco dessas ações e projetos educativos que tem objetivos bem definidos, quais sejam, mantê-los ocupados, longe das ruas e do risco social.

Partindo disso, um jovem de periferia enfrenta, a partir das matérias jornalísticas, desvantagens que precisam ser superadas por meio de movimentos individuais, contudo, apoiados por ações sociais e de educação. Mira-se, neste caso, nos sujeitos que precisam ser reinventados de modo a se adequarem aos valores sociais que, tradicionalmente, os excluem e se articulam às dinâmicas espaciais contrastantes. Contudo, os lugares onde vivem, são demarcados e classificados por meio de enunciados que destacam – e reforçam – os problemas que os envolvem e, conseqüentemente, os constituem como sujeitos em situação de inferioridade, sem que se fortaleça a ideia de investimentos para a transformação e valorização de suas realidades locais, por meio de políticas públicas capazes de potencializarem os recortes espaciais mais precarizados.

Neste sentido, pode-se argumentar que fundamenta-se uma noção de que os mais esforçados vencerão em uma espécie de loteria, na qual muitos permanecerão em seus ambientes de origem, permanentemente precarizados, enquanto alguns poderão alcançar oportunidades em regiões mais desenvolvidas.

OPORTUNIDADES (D)E SUPERAÇÃO A PARTIR DO EMPREENDEDORISMO

Como já foi dito, as mídias operam a partir de enunciados, articulados e sobrepostos, que não apenas descrevem modos de vida, mas também os produzem. As matérias jornalísticas observadas neste estudo, por exemplo, ao apoiarem-se em uma plataforma considerada séria e validadas por veículos associados à uma grande empresa de comunicação, subjetivam sujeitos com base na cultura e no momento histórico em que suas informações circulam, multiplicando-se a partir de outros recursos que as usam como referências. Isso significa pensar que, as transformações alavancadas por tecnologias do tempo presente fazem com que as verdades estruturadas em meios jornalísticos sejam validadas e não se limitem a eles, pois passam a compor a base de informações de outras mídias ao mesmo tempo em que são balizadas por tais a partir de dados armazenados.

No interior dessa engrenagem, passaram a ser recorrentes os enunciados relacionados ao empreendedorismo e à necessidade de crescimento individual no que se refere aos grandes desafios da atualidade – especialmente econômicos. Portanto, ao discutirem modos pelos quais os jovens de periferias podem construir oportunidades de superação de suas dificuldades, pulverizam o discurso neoliberal que torna-se cada vez mais comum, atravessando diferentes grupos sociais.

De acordo com Trevisol e Almeida (2019), o neoliberalismo vem operando como uma racionalidade normativa que atua sobre as condutas pessoais a partir de uma lógica de competitividade e concorrência em nível pessoal – superar-se constantemente – e em nível coletivo – superar os concorrentes. Destaca-se que a racionalidade neoliberal contemporânea vai além de uma teoria econômica, já que seus pressupostos e mecanismos de funcionamento se alastraram por todos os domínios da vida, de modo que a lógica empresarial, além de se sobressair cada vez mais no âmbito das relações de trabalho, alcança as relações pessoais, sanitárias, estéticas, educacionais, entre outras. Atualmente, por meio das mídias, por exemplo, sujeitos são subjetivados a partir de recursos que modulam seus desejos e vontades (MATTIONI et al., 2022).

Tal situação, não deixa de estar presente nos modos como as matérias jornalísticas do jornal O Globo discorrem sobre oportunidades (d)e superação ao falarem sobre os jovens de periferia.

Na reportagem "Jovens de comunidades desenvolvem projetos para melhorar a vida na periferia" (O GLOBO, 2019), por exemplo, é possível observar afirmações que se articulam e promovem ideias neoliberais de superação de dificuldades em nível individual: "Transformar a vida dos moradores da periferia carioca. Esse é o objetivo de projetos criados por jovens, moradores de comunidades, que foram selecionados pela Agência Redes Para a Juventude para organizarem ações de desenvolvimento social, cultural e empreendedorismo" (O GLOBO, 2019).

Esse direcionamento, enquanto condição para o desenvolvimento de modos de vida mais adequados, aparece, principalmente, por meio do discurso do empreendedorismo que acompanha os diversos projetos sociais que se inserem em comunidades periféricas. É importante ressaltar que essa lógica tem deslocado as preocupações sociais da esfera das políticas públicas e direcionado os movimentos de superação de desafios para os sujeitos, como se cada um fosse o único responsável por seus próprios sucessos, fracassos e oportunidades. Conforme apontado por Chamayou (2020) e Darsie (2022), tal discurso tem atravessado diferentes cotidianos laborais e educativos, subjetivando indivíduos que a cada dia se acoplam mais à pretensão de autossuperação como garantia de condições mínimas de vida.

Cristaliza-se uma dada verdade que sustenta a superação individual das dificuldades sociais enquanto mecanismo inato, podendo ser ativado por meio de iniciativas particulares que atribuem valores aos sujeitos. Nesse sentido, passa a ser replicada uma lógica em que as horas diárias de trabalho, as condições físicas e de saúde, o tempo de sono, as escolhas nutricionais e o fortalecimento de aptidões diversas se articulam como marcadores de possíveis sucessos e fracassos, pois o alcance das metas do empreendedor contemporâneo é fruto, apenas, de suas escolhas, mesmo que as suas condições externas sejam desfavoráveis.

Nos últimos anos, essa noção tem servido de base para que sejam justificadas muitas – se não todas – iniquidades sociais, especialmente a partir de uma racionalidade conservadora e mercadológica que guia muitos gestores, profissionais e populações. Pode-se pensar, nessa direção, que as matérias jornalísticas indicam caminhos a serem seguidos a partir de motivações pessoais, sem que estruturas espaciais e estatais sejam responsabilizadas ou recebam créditos de esperança no que diz respeito às necessidades e dificuldades emergentes de suas precariedades.

Os jovens periféricos assumem uma lógica que passou a ser comum em círculos sociais considerados mais abastados, mas que promete ser a resposta para todas as demandas sociais. Darsie (2022) apresenta uma crítica ao modo como a lógica do empreendedorismo neoliberal passou a atravessar contextos educacionais, especialmente a partir do aumento de comunicadores e gestores que a divulgaram no período pandêmico. O autor argumenta que essa noção se popularizou enquanto uma resposta rápida, porém superficial, aos problemas que envolvem as vidas de milhares de pessoas no mundo e no Brasil. Diante disso, vale ser pensado que ao ser direcionada para os contextos de vida dos jovens que vivem nas periferias, ao invés de operar como mecanismo de inclusão, visto que pretende englobar a todos e todas, pode gerar efeitos diversos e prejudiciais, pois há questões estruturais, de responsabilidade estatal, que necessitam atenção e cobranças.

Na reportagem "Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacarem nas redes sociais", publicada em agosto de 2022, argumenta-se que essas jovens precisam ser ensinadas a se destacarem em público, como um mecanismo empreendedor. Trata-se da questão como se não houvesse outros meios por meio dos quais tais mulheres possam ocupar as redes sociais.

Enaltece-se uma noção de que são necessários cursos que enquadrem jovens negras da periferia às normas consideradas mais adequadas. De certo modo, busca-se transformar suas maneiras de se comunicarem e os seus possíveis públicos em razão de modos de vida constituídos em outras áreas das cidades, mesmo que suas histórias busquem retratar seus cotidianos.

Apesar da ideia ser fruto do Observatório de Favelas e a proposta ser direcionada aos modos como as meninas negras podem contar suas próprias histórias, vivenciadas nos lugares onde moram, a perspectiva da normatização de suas falas e postagens online sinaliza que seus estilos de vida e seus conhecimentos precisam se encaixar em padrões midiáticos e do empreendedorismo que, em outros grupos sociais, já estariam dados.

O Observatório de Favelas está com inscrições abertas até sexta-feira (6) para um curso que vai ensinar meninas negras, moradoras de favelas e de periferias como se destacar e fugir da mesmice nas redes sociais. A ideia é que elas aprendam a contar suas próprias histórias a partir de suas vivências e de seus locais de origem. As candidatas devem ter entre 14 e 19 anos. As aulas serão híbridas, de modo virtual e presencial, à escolha da participante. A coordenadora de Comunicação do Observatório de Favelas [...] explica que a proposta da formação é oferecer ferramentas para que as meninas periféricas e de favelas possam contar suas próprias histórias (O GLOBO, 2021).

Conforme pode ser observado no excerto apresentado, o foco da ação não é retratar as histórias das meninas, mas, ressaltar um mecanismo que se associa à ideia de oportunidade (d) e superação a partir de técnicas para melhor vender conteúdos em ambientes virtuais. Entende-se, por meio de uma reflexão mais crítica, que a brecha midiática oportunizada pelo jornal, neste caso, captura o discurso da inclusão social – “contar suas próprias histórias a partir de suas vivências e de seus locais de origem” – por meio de uma lógica neoliberal de empoderamento de aptidões relacionadas ao *marketing*.

No primeiro encontro as participantes vão conhecer detalhes sobre o projeto e compartilhar suas expectativas. Em seguida, terão duas aulas sobre o tema ‘Estética é poder: o designer da construção narrativa’, nas quais conhecerão a história do design social, e teorias sobre construção de identidades, e ainda referências de cores, elementos e imagens. As demais aulas vão tratar de temas como ‘Social Media: nas redes e nas ruas’, onde as alunas poderão conhecer as ferramentas e as linguagens das redes sociais, bem como métricas e monitoramento; ‘Projetação: os muros da cidade gritam’, quando serão apresentadas à projeção como ferramenta de ação, movimento e formação de redes (O GLOBO, 2021).

As histórias das meninas, no limite, passam a servir como pano de fundo para o desenvolvimento de técnicas midiáticas voltadas ao empreendedorismo e focadas em suas potencialidades estéticas. Neste contexto torna-se interessante destacar que Paes e Darsie (2022), ao discutirem o que chamam de invisibilidade das mulheres negras, referem que, historicamente, no Brasil, as negras são tratadas a partir de uma posição de subalternidade, sofrendo por meio dos preconceitos de raça e gênero articulados. Demonstam, a partir disso, que foi constituída uma ideia de que negras – ou “mulatas” – passaram a ser reconhecidas a partir de seus atributos corporais, fato que reforça diversas desvantagens em relação às expectativas de vida relacionadas à educação e ao campo profissional.

Nesse sentido, os autores apontam que tem sido comum que mulheres negras, atualmente, dobrem-se aos modelos femininos representados por mulheres brancas, o que poderia

conferir maiores chances de sucessos acadêmicos e profissionais. Contudo, por outro lado, tal situação pode originar a não identificação com os modelos femininos de sucesso. Complementarmente, pode-se referir que as mídias não costumam abordar temas relevantes e de interesses das mulheres afrodescendentes, deixando de olhar, de fato, para suas experiências e realidades, apontando-se, mais comumente, na inserção dessa mulheres em contextos considerados dominantes. A mulher negra se sente, assim, desconectada das redes sociais e, por vezes, julgada (KARLSSON, 2019). Acredita-se, aqui, que tais situações podem ser fortalecidas a partir dos modos como tais matérias jornalísticas se constituem, pois reforçam padrões e práticas empreendedoras ao invés de investirem na visibilidade dessas mulheres e meninas, a partir de seus modos de vida cotidianos.

O principal ponto a ser observado a partir das questões apresentadas é a desproporcionalidade de abordagens relacionadas ao ideal neoliberal de empreendedorismo, por um lado, e a problematização das dinâmicas que promovem as desigualdades que marcam as vidas desses jovens, por outro lado. Da mesma maneira que ocorre no que diz respeito às espacialidades periféricas, ao serem abordadas temáticas associadas a oportunidades de trabalho, de educação, de crescimento pessoal, transfere-se as responsabilidades de emancipação ou transformação para os sujeitos e invisibiliza-se as causas desses problemas.

Resistir à essa lógica é um importante disparador de mudanças significativas no que se refere aos modos como jovens de periferias são retratados, educados e entediados por demais sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos apresentados, observa-se que as mídias exercem a função de gerar, transformar e fazer circular enunciados e significados sobre diversos temas, contribuindo para processos educacionais que pautam-se em conjuntos de verdades que subjetivam sujeitos. Assim, operam educando por meio das imagens, textos, vídeos e outros recursos que fazem circular, ao passo em que se hibridizam por meio de diferentes aparatos tecnológicos, antigos e novos. Emergem, assim uma rede educativa que estabelece entendimentos sobre si e sobre os outros.

No que se refere aos modos como os jovens de periferia são produzidos, enquanto sujeitos, por meio de reportagens do jornal O Globo, neste recorte, operou-se com duas situações distintas, porém articuladas. Em primeiro lugar, destaca-se que as espacialidades periféricas estão diretamente associadas aos jovens – e demais sujeitos – que as compõem. No entanto, frequentemente são dissociadas dos sujeitos na direção de estimulá-los a almejamem uma espécie de libertação em relação aos seus locais de origem. Partindo dessa dinâmica, defende-se que pensar em políticas públicas eficazes no sentido de potencialização de diferentes recortes espaciais, significa pensar no empoderamentos dos sujeitos que vivem e circulam por eles. Em segundo, argumenta-se que o empreendedorismo, mecanismo fortalecido pelo discurso neoliberal, torna-se o foco de grande parte das matérias analisadas. Diante disso, mais uma vez os jovens passam a ser entendidos como os únicos responsáveis por transformações positivas em suas vidas. Para tanto, a lógica mercadológica captura o discurso da inclusão social e o transforma em um impulsionador de iniciativas individuais de superação e criação de oportunidades individualizantes.

Um dos grandes desafios a serem enfrentados no que se refere a essas práticas educativas é o fortalecimento das espacialidades periféricas e a responsabilização coletiva no que se refere ao enfrentamento de processos excludentes. Diante disso, ao invés de deslocar problemas sociais para o campo da responsabilização e empoderamento individual, torna-se fulcral que sejam feitas reflexões e acionadas ações de fortalecimento das regiões consideradas mais vulneráveis. Para além dos sujeitos jovens de periferia, as políticas públicas, as populações de outras áreas urbanas, bem como demais grupos sociais também necessitam compreender que as assimetrias espaciais e sociais precisam ser, ao menos, amenizadas e para tanto, tornam-se todos corresponsáveis. É por meio de investimentos em múltiplos fatores que o espaço considerado periférico pode se tornar parte dos circuitos de deslocamentos, investimentos e transformações.

Finalmente, assume-se que as matérias veiculadas pelo jornal analisado podem gerar efeitos considerados positivos, no entanto, despertar reflexões direcionadas aos modos como os jovens de periferia são retratados e as subjetividades decorrentes de tais, se torna relevante. É necessário que existam movimentos de resistência epistemológica para que as desigualdades historicamente estabelecidas possam ser amenizadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, v. 33, p. e157950, 2017. <<https://doi.org/10.1590/0102-4698157950>>

BAPTISTA, Carlos Augusto. Outras educações e outras práxis com as favelas e periferias urbanas. *Revista Artes de Educar*, v. 8, n. 2, p. 444-459, 2022. <<https://doi.org/10.12957/riae.2022.68889>>

BIRMAN, Joel. Jogando com a verdade. Uma leitura de Foucault. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 12, p. 301-324, 2002. <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312002000200007>>

BONIN, Iara Tatiana et al. Por Que Estudos Culturais?. *Educação & Realidade*, v. 45, 2020. <<https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>>

CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*. Ubu Editora, 2020.

COSTA, Tatiane Goudinho. *Juventudes, periferias e projetos sociais: efeitos e significados*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000013594.pdf>>

Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacar nas redes sociais. *EXTRA*, Rio de Janeiro. 02/08/2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/curso-ensina-jovens-negras-de-favelas-periferias-se-destacar-nas-redes-sociais-25137337.html>>

DARSIE, Camilo. Pós-pandemia, Neoliberalismo e Educação. In: Claudionei Lucimar Gengnagel. (Org.). Ensino de ciências humanas: considerações, críticas e alternativas contemporâneas: volume II. 1 ed. Editora da UPF, 2022, v. 2, p. 87-101. <<https://doi.org/10.52139/livrologia9786586218879>>

DARSIE, Camilo; HILLESHEIM, Betina; WEBER, Douglas Luís. O discurso de controle de doenças da Organização Mundial da Saúde e a produção de espacialidades nacionais. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 25, p. e200587, 2021. <<https://doi.org/10.1590/interface.200587>>

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. Revista Famecos, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998 <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3014>>

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>>

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: Questões de análise. Revista Educação e Realidade, v. 22, n. 2, p. 59-80, 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>>

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1). São Paulo: Edições Graal. 2010.

_____. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976).(ME Galvão, Translator). WMF Martins Fontes, 2000.

_____. Histoire de la sexualité, tome 3: Le souci de soi. Schoenhof's Foreign Books Incorporated, 1984.

_____. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; OLIVEIRA, Fernanda Pacheco; GIANECHINNI, Letícia Goldenberg; COMUNELLO, Luciele Nardini; PACHECO, Milena Leal. Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. Psicologia em estudo. Vol. 8, n.1, p. 45-53, 2003. <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100006>>

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>>

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HILLESHEIM, Betina. Políticas públicas e educação: desdobramentos para a pesquisa. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. 3, p. 788-796, 2015. <<https://doi.org/10.21723/riaec.v10i3.8092>>

Jovens de comunidades desenvolvem projetos para melhorar vida na periferia. *O GLOBO*, Rio De Janeiro. 07/12/2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/jovens-de-comunidades-desenvolvem-projetos-para-melhorar-vida-na-periferia-24123582>>

KARLSSON, Joselaine Caroline. A Solidão Da Mulher Negra No Ciberespaço. XII Simpósio Nacional Da ABCIber, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/39909125/A_solidão_da_mulher_negra_no_ciberespaço>

MACHADO, Muriel Magalhães; KUHN, Camila Mabel. A inserção de crianças e jovens no tráfico de drogas: reflexões a partir da psicologia social e a importância da mídia comunitária como instrumento de garantias. In: *Anais do 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade*. Santa Maria: Mídias e Direitos da Soc em Rede, 2015. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/2-3-1.pdf>>

Maioria das vítimas de homicídios em Fortaleza são jovens, negros, pobres e moram em periferia, aponta estudo. *G1*, Fortaleza. 26/10/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/26/maioria-das-vitimas-de-homicidios-em-fortaleza-sao-jovens-negros-pobres-e-moram-em-periferia-aponta-estudo.ghtml>>

MARTINS, Bruno Luís de Oliveira. A mídia enquanto produtora de subjetividades: uma análise do discurso sobre trabalho e pessoas trans. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/224865>>

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Pedagogias culturais*. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2020.

MATTIONI, Fernanda Carlise et al. Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3273-3281, 2022. <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021>>

O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021. *O GLOBO*, São Paulo. 02/02/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>>

PAES, S. E., & DARSIE, C. (2022). A invisibilidade das professoras negras nas instituições de educação básica de santa cruz do sul-rs e a questão dos territórios e territorialidades. *Caderno Prudentino de Geografia*, 2(44), 180–201. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/8763>>

SEVERIAN, Danilo.; LACERDA, Antônio Correa de. Soberania, industrialização e integração nacional: Wilson Cano e os mosaicos do desenvolvimento brasileiro. *Economia e Sociedade*, v. 30, p. 619–635, 2021. <<https://doi.org/10.1590/1982-3533.2021v30nespart02>>

SILVA, Mozart Linhares; ARAÚJO, Willian Fernandes. Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade. *Educação Unisinos*, v. 24, n. 1, p. 1-20, 2020. <<https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.40>>

SOUZA, Camilo Darsie de. Educação, geografia e saúde: geobiopolíticas nos discursos da organização mundial da saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95666>>

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. *Pesquisa em educação: múltiplos olhares*. Maringá: Eduem, p. 151-165, 2009. Disponível em: <<https://nt5.net.br/publicacoes/Midia%20Educação%20e%20Estudos%20Culturais.pdf>>

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino et al. A influência da mídia na estigmatização de jovens e lugares da cidade. *Anais do XIII Simpósio de Geografia Urbana*, 2013. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2010/09/A-influência-da-mídia-na-estigmatização-de-jovens-e-lugares-na-cidade.pdf>>

TREVISOL, Marcio Giusti.; ALMEIDA, Maria de Lurdes Pinto. A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial. *Revista Educação e Emancipação*, v. 12, n. 3, p. p.200–222, 2019. DOI: 10.18764/2358-4319.v12n3p200-222. Disponível em: <<http://cajapio.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/12409>. Acesso em: 31 ago. 2023>

VARGAS, Juliana; SARAIVA, Karla. Feminismos e redes sociais: (in)ações e (im)possibilidades de jovens de periferia urbana. *Práxis Educativa*, v.14, n.3, pp.1188-1209, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.14n3.021.>>

WILKE, Valéria Cristina Lopes. Pós-verdade, fake news e outras drogas: vivendo em tempos de informação tóxica. *Logeion: Filosofia da Informação*, v. 7, n. 1, p. 8–27, 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/finf/article/view/5427>. Acesso em 31 de agosto de 2023.>

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Tagiani Brizolla de Moura Goulart trabalhou na fase de levantamento e organização dos dados e na elaboração das discussões, escrita e formatação do manuscrito. Matheus Santos de Souza e Camilo Darsie trabalharam na elaboração das discussões, escrita e formatação do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.